SEMELHANTE A UMA CARTA

AFONSO HENRIQUES NETO

Talvez seja algo semelhante a uma pequena carta de um poeta a outro poeta (portanto, alguma coisa sempre mais robusta do que um simples e-mail) o que desejo escrever sobre *A culpa está morta*, de Alcides Buss. E, antes de tudo, digo que ler o livro foi prazer intenso. Para quem ama a poesia, a obra é prato cheio, plena de um lirismo forte, autêntico. E construída com domínio amplo da linguagem poética a costurar imagens sóbrias em um ritmo sempre tranquilo, equilibrado. Percebe-se logo ser poesia a fluir de mãos experientes.

Alcides Buss pertence à minha geração. Ambos somos poetas batizados na década de 1970, dentro do espaço em que proliferou uma poesia chamada em um primeiro instante pela crítica de 'alternativa', em referência à 'contracultura', marca proveniente da juventude contestatária da década de 1960. Recordemos, portanto, que essa geração, posteriormente nomeada de "Geração AI-5" (em referência à opressão violenta sofrida pela sociedade brasileira após a promulgação do Ato Institucional nº 5, em dezembro de 1968, instrumento jurídico que provocou o recrudescimento da ditadura militar proveniente do golpe de 1964), deu continuidade às ideias libertárias do final da década de 1960 por meio de atitudes existenciais e de obras poéticas que ganharam por fim o rótulo de "poesia marginal". Esse poeta 'marginal' era, em última análise, aquele que fazia questão de portar uma atitude 'anti-intelectual' tanto na vida quanto nos versos, sempre em confronto com a situação política do país e seguindo os ventos das mudanças comportamentais do tempo. Essa 'marginalidade' dizia respeito, portanto, à luta contra tudo quanto fosse institucionalizado, inclusive em relação à produção comercial de livros pelas editoras tradicionais. Sem esquecermos de que na época essas editoras também se encontravam submetidas à censura política. Daí o surgimento de amplo número de publicações fora do comércio, geralmente livrinhos bastante precários, mas com aspecto gráfico sempre interessante, bancados pelos próprios autores e vendidos fora dos esquemas da distribuição tradicional nas livrarias.

Disse no início que gostaria de escrever sobre *A culpa está morta* alguma coisa que lembrasse uma simples carta de poeta a outro poeta, e tal ideia me veio quando li os versos de "O tempo da escrita". Neste bom poema Alcides Buss, ecoando o nosso romântico Casimiro de Abreu, diz: "Ai que saudades eu tenho / das cartas que recebia. (...) Ai que saudades das cartas / que traziam de volta / a esperança que eu perdia." E Alcides tem razão. Para as pessoas da nossa geração, as cartas (geralmente escritas à mão) tinham um valor enorme, e perdê-las para os ligeiros e-mails que recebemos hoje na telinha brilhante é algo entristecedor. Se a comunicação ganhou em velocidade, sem dúvida perdeu bastante em termos de calor humano.

São muitos os bons poemas que vou encontrando em minha leitura. Destaco de pronto "Buenos Aires, Florianópolis" e "Escritas do mar", este último dedicado ao poeta Yao Feng. Nele lemos: "Um barco remenda o mar / – diria o poeta chinês. / (...) Um barco costura / o vir-a-ser ao ter-havido. / Este barco é você / e sou eu, nós todos / urdidos em

paixão e trama". Trata-se de interessante e bem tecido diálogo com a escrita poética oriental. E seguimos com "O manacá e o mundo" e o excelente "As árvores e eu" ("As árvores fortes me fortalecem. (...) As árvores verdes me enlaçam. (...) As árvores mortas me atam. (...) Floridas, as árvores me acendem / em floresta incontida.). O final deste poema é um dos pontos altos do livro: "Tolhidas de serem árvores / em todo ciclo e sentido, / me arrastam à penumbra / em que apenas consigo vê-las / nas minhas próprias ruínas."

Difícil destacar poemas. Prefiro então apontar versos expressivos, como os que se encontram em "Inspiração", quando Alcides, em subterrâneo diálogo com Fernando Pessoa, diz que a inspiração "vem de não saber o que sabe / o coração." E ainda esta beleza: "Vem do grito dos que partem / em silêncio / pra não acordar os que sonham." Isto é boa poesia. Que se repete, por exemplo, em "O lugar e a nostalgia" ("A minha alma diz / que em qualquer lugar / em que se esteja / haverá um não-estar ali.").

E, de repente, passeamos pela História em "O homem do Contestado". Ou percebemos no vai-e-vem das ondas que "olhar o mar / tem algo de eterno." Já em "Pequena ode triunfal" encontramos na praça a menina a conduzir em sua infantil alegria a mulher que será. E o poeta então acredita que a menina, ao ver o velho homem que a espia, na verdade enxerga o menino que, pra não morrer, nele se esconde. Chuvas e chuvas de poesia.

Alcides Buss prossegue homenageando poetas de sua eleição, tais como Wallace Stevens e Cruz e Sousa. Para o nosso grande poeta simbolista Alcides escreveu o forte "Poema negro". Como todos sabem, Cruz e Sousa nasceu em Nossa Senhora do Desterro, atual Florianópolis, em 1861, filho de escravos alforriados. Recebeu a tutela do ex-senhor de seus pais e teve excelente educação, aprendendo e dominando línguas como o francês, o latim e o grego. Formou-se em direito e em 1883 foi nomeado promotor público de Laguna, sendo, contudo, recusado por pressão dos políticos locais – porta-vozes da sociedade – por ser negro. Em 1890 mudou-se para o Rio de Janeiro, onde também não alcançou em termos sociais o lugar que tanto merecia, conseguindo trabalho apenas como simples arquivista na Estrada de Ferro Central do Brasil. Morreu pobre e tuberculoso em 1898. Em 1895 meu avô, Alphonsus de Guimaraens, então com 25 anos de idade, saiu de Ouro Preto, em Minas Gerais, para conhecer o Cisne Negro no Rio de Janeiro. Alphonsus é o outro grande nome do Simbolismo brasileiro e tinha pelo poeta catarinense imensa admiração. Pois Cruz e Sousa é, de fato, um dos maiores poetas da língua portuguesa em qualquer tempo.

E continuo minha navegação pelo livro de Alcides Buss. Gosto de "Receita para poemas sobre nada" ("Pra fazer um poema sobre nada / retire tudo do lugar / e, depois, retire o lugar de tudo. (...) e deixe / a primavera do que era / ocupar-se / do que quiser."). E prossigo em um só fôlego esbarrando com o lirismo veemente de "me teço por dentro / com sementes de flores", no poema "Sine qua non". E ainda citaria "Vidas perdidas", "Um rumo" e "Nova Pasárgada", para chegar ao último e longo poema que dá título ao livro, "A culpa está morta". Este poema possui momentos de forte voltagem poética, sempre usando da anáfora, ou seja, da repetição do verso "Não tem culpa o leitor" ("Não tem culpa o leitor / se as palavras escondem / seus étimos nas encruzilhadas da frase. (...)

Não tem culpa o leitor / se porcos selvagens invadem / o campo de lírios / onde sonhava o poeta encontrar / sua amada de tempos idos. / A vida não tem juízo!”).

Este é Alcides Buss, poeta sempre a nos revelar as contradições, os paradoxos de nosso mundo por meio de um lirismo afiado, a serviço de uma poética da esperança; mesmo quando as tempestades de toda ordem insistem na exposição das vísceras de realidades dolorosas. Como doloroso e violento é este momento em que vivemos.

Afonso Henriques Neto
Rio de Janeiro, 2022